

# O IMPACTO SOCIAL DA PANDEMIA DE COVID-19 NA VIDA DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO DA UFRJ

Erimaldo Nicacio

## Introdução

A irrupção da pandemia de COVID-19 no início de 2020 impôs à população mundial uma situação sem precedentes, pelo menos nos últimos 100 anos: uma doença que se disseminou rapidamente pelo mundo, com elevada taxa de letalidade e de transmissão. O impacto econômico da pandemia foi imediatamente reconhecido. Alguns pesquisadores (vide por exemplo, Metri e Crespo, 2020, Palludeto et al, 2020, IMF, 2020) descreveram as consequências das medidas adotadas para reduzir o ritmo de transmissão da doença e consequentemente a incidência de casos graves que viriam a pressionar o sistema de saúde. Na medida em que a quarentena era acompanhada da paralisação de diversos serviços, essa situação trazia de maneira óbvia como efeitos: o risco de falências em alguns setores; fragilização de cadeias produtivas; demissões; perda de renda dos trabalhadores autônomos; aumento da pobreza e da miséria, entre outros. A pandemia implicava, portanto, além da crise sanitária, uma crise econômica de grande magnitude que exigiu a intervenção do Estado para proteger a renda das pessoas, a solvência das empresas e a estabilidade do mercado financeiro. Até mesmo o FMI (IMF, 2020) passou a defender a importância da intervenção dos Estados nacionais no enfrentamento das consequências econômicas e sociais da pandemia.

Os custos sociais deste quadro não demoraram a se fazer sentir. Santos (2020) mostrava os efeitos da quarentena em diferentes grupos: as mulheres, os trabalhadores precarizados, a população de rua, os moradores das periferias e das favelas, os refugiados, os idosos. Como observaram (Matta, Rego, Souto, e Segata, 2021) o discurso midiático de que “estamos todos no mesmo barco” não correspondia à realidade. Era mais adequado afirmar que estávamos “todos no mesmo mar revolto”, alguns em grandes iates, outros em embarcações frágeis e outros ainda sem embarcação e à deriva.

Ao mesmo tempo, alguns autores passaram a se dedicar ao estudo do impacto psicossocial da pandemia<sup>1</sup>. Brooks et al apresentam alguns estudos sobre os efeitos negativos da quarentena: sintomas de estresse pós-traumático, raiva, confusão, nervosismo, medo, frustração, aborrecimento, dificuldade de concentração, perda de produtividade, relutância em trabalhar, culpa. Os autores identificam como fatores estressores: medo de ser infectado, perda de rotina, e de contato social, falta de recursos básicos para a sobrevivência no período de quarentena, informação inadequada, perda de renda, estigma (sobretudo no caso dos profissionais de saúde e idosos).

Algumas pesquisas se concentraram especificamente no estudo acerca dos estudantes de graduação. Chirikov (2020), por exemplo, do *Student Experience in the Research University (SERU)* Universidade da Califórnia – Berkley, realizou um *survey* com 30.725 Estudantes de graduação e 15.346 estudantes de pós-graduação (que incluía mestrados e doutorados acadêmicos e profissionais). Um *pool* de nove universidades se reuniu para esta pesquisa.

---

<sup>1</sup> Huremović (2019) já alertava para os problemas de saúde mental decorrentes de um surto de proporções pandêmicas.

Os resultados mostraram que a incidência de Transtorno Depressivo Maior era de 35% dos estudantes de graduação e 32% de pós-graduação. Para efeitos de comparação, a prevalência de Depressão na população em geral era, na época, de 4,4%. No caso do Transtorno de Ansiedade Generalizada, 39% dos estudantes de graduação e 39% dos estudantes pós-graduação foram identificados positivamente. Na população em geral, a prevalência de TAG era de 3,6%.

A pesquisa apontou que a prevalência de Transtorno Depressivo Maior entre estudantes de pós-graduações acadêmicas e profissionais foi o dobro do registrado em 2019, enquanto que para o Transtorno de Ansiedade Generalizado houve um acréscimo de 50%. É interessante observar que as taxas mais acentuadas foram encontradas em: estudantes de baixa renda, pessoas LGBT e estudantes que cuidam de outras pessoas e estudantes que apresentaram dificuldade de se adaptar ao ensino remoto.

O estudo de Sun et al (2021) mostra a alta incidência de sintomas psiquiátricos entre estudantes universitários. 67,05% relataram estresse traumático, 46,55% apresentaram depressão e 34,73% relataram sintomas de ansiedade. Além disso, 19,56% mencionaram ideação suicida.

A pesquisa relacionava os seguintes fatores associados aqueles sintomas: problemas financeiros relacionados à COVID-19, a presença da ameaça de contrair a doença, o estigma em relação às pessoas com a doença.

Tendo como ponto de partida a percepção da complexidade da pandemia, por seu caráter multidimensional, este artigo tem por objetivo apresentar os principais resultados da pesquisa “*Incidências Sociais Subjetivas da Pandemia de Covid-19 e da Quarentena na Vida dos Estudantes de Graduação da UFRJ*”. Esta pesquisa, de caráter qualitativo, tomou como ponto de partida as seguintes questões: O que mudou na vida desses estudantes? Como eles atravessaram a experiência da quarentena? Como vivenciaram o ensino remoto?

## **Metodologia**

Os dados foram coletados de duas formas: *entrevistas semi-estruturadas*, baseadas em um roteiro prévio e um *grupo focal*. Os dois procedimentos foram realizados de forma remota em atendimento às recomendações da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) comunicadas em 01 de abril de 2020, com base nas diretrizes do Ministério da Saúde (MS) decorrentes da pandemia causada pelo coronavírus SARS-CoV-2 (Covid-19).

Após autorização do (a) diretor (a) da unidade de ensino, um professor ou coordenador de graduação ou a representação estudantil entrou em contato com os alunos para convidá-los a participar das entrevistas. A lista de e-mail foi passada para a equipe de pesquisa, que entrou em contato por email com os alunos.

Antes das entrevistas ou do grupo focal foi encaminhado por e-mail o RCLE (registro de consentimento livre e esclarecido) para que os estudantes lessem e tomassem conhecimento dos objetivos da pesquisa e da atividade de que eles participariam. Depois eles devolviam o RCLE assinado digitalmente, registrando assim o seu consentimento em participar da pesquisa. A equipe de pesquisa assinou os RCLEs para devolver aos estudantes.

O projeto definiu como meta realizar entrevistas com alunos de um curso de cada um dos seis centros da universidade e também realizar dois grupos focais com alunos dos

mesmos cursos. Até o momento concluímos as entrevistas e um grupo focal com **27 estudantes** de 6 (seis) cursos de graduação, conforme descrito abaixo.

**- entrevistas semi-estruturadas**

Foram entrevistados **18 estudantes de graduação** provenientes de seis cursos de graduação da UFRJ vinculados a seis centros assim distribuídos:

- Matemática (CCMN): 3 alunos
- Enfermagem (CCS): 3 alunos
- Serviço Social (CFCH): 4 alunos
- Letras (CLA): 3 alunos
- Engenharia (CT): 2 alunos
- Direito (CCJE): 3 alunos

As entrevistas foram realizadas por meio remoto (*Google Meet*) na qual o estudante foi convidado a falar sobre como estava vivenciado a pandemia e a quarentena. As entrevistas foram gravadas e transcritas.

**- grupo focal:**

Já realizamos um grupo focal reunindo **9 (nove)** estudantes de graduação, sendo 3 (três) de cada um dos seguintes cursos: 3 alunos de Matemática (CCMN), 3 alunos de Enfermagem (CCS) e 3 alunos de Serviço Social (CFCH). Estes alunos foram convidados por e-mail por indicação de representante da unidade de ensino ou por indicação de alunos que havia sido entrevistados. A reunião foi realizada por meio remoto (*Google Meet*). Os estudantes foram convidados a falar sobre como eles estavam vivendo a pandemia e da situação de quarentena. Um roteiro (anexo II) serviu de pauta para organizar a discussão. A reunião foi gravada para depois ser transcrita.

Os dados sócio-demográficos resumidos a seguir apenas servem para caracterizar o grupo dos participantes da pesquisa, não tendo o propósito de ser representativo do conjunto dos estudantes de graduação da UFRJ. Eles possuíam em média 24 anos de idade. Em relação à cor, 10 se apresentaram como brancos (as), 12 como pardos (as), 5 como pretos (as). Em relação ao gênero 14 se identificaram como mulheres, 12 como homens e 1 como travesti. Moravam na sua maioria na Zona Norte, Zona Oeste e Baixada Fluminense. A renda familiar variava em torno de R\$ 3.000,00 a R\$ 5.000,00.

## **Resultados**

O material coletado nas entrevistas e grupo focal foi submetido a uma primeira codificação (Bardin, 2000) com base na definição de quatro eixos temáticos que foram utilizados no roteiro para a discussão no grupo focal. As falas sofreram recortes através dos quais se destacaram frases que expressavam a vivência dos participantes. A categorização das frases seguiu a distinção dos quatro eixos temáticos e reagrupou tanto as frases que indicavam temas recorrentes, quanto as que indicavam alguma experiência singular relevante. Os quatro eixos temáticos são os seguintes:

- Incidências sociais da pandemia e da quarentena
- Incidências psíquicas da pandemia e da quarentena

- Estratégias de enfrentamento
- A experiência do Ensino remoto

## **Incidências Sociais**

O impacto da pandemia para cada estudante não se deu de imediato. Ele foi se fazendo sentir na medida em que as pessoas foram atingidas pelas informações que chegavam pelo noticiário a respeito da disseminação da doença e dos casos de mortes, mas também pela interrupção das atividades comerciais e do fechamento de escolas e universidades. Com o tempo, a percepção do que estava acontecendo foi se agravando pelo fato de pessoas próximas serem afetadas pela doença e até mesmo vir a morrer.

No caso em estudo, a maioria dos estudantes não se sentiu desconfortável imediatamente. A partir de março de 2020, a UFRJ decidiu pela suspensão das atividades acadêmicas como medida de proteção à saúde e à vida dos estudantes, dos docentes e dos servidores técnico-administrativos. No início da pandemia os entrevistados ainda não tinham tido a experiência da doença seja consigo próprio ou com algum familiar. Nas primeiras semanas, esta interrupção foi vivida com um misto de estranhamento e tranquilidade. Alguns diziam que atravessaram este período inicial facilmente e até podiam desfrutar da convivência familiar e do conforto da casa. Outros ficaram perplexos com a suspensão repentina das atividades.

A maioria dos estudantes relatou que o início da pandemia e da quarentena foi um período relativamente tranquilo pois consideravam que seria uma interrupção breve das atividades. Muitos até diziam que lembrava um período de férias em que era possível descansar, além de evitar o deslocamento para a faculdade (um trajeto longo para a maioria dos estudantes). Muitos mencionaram a oportunidade de um maior convívio com a família.

A surpresa e a expectativa de que a pandemia passaria rápido são indicadas nessas falas:

Essa situação toda foi bem surpreendente no início, porque não imaginei que ia se estender tanto, então, pelo menos pra mim não foi difícil no início porque eu achava que ia ser um negócio breve, que ia acabar no máximo em dois ou três meses. Então fui levando tudo normalmente, tomando as devidas precauções, comecei a não sair de casa, a faculdade foi cortada, com o tempo alguns projetos que eu participava também, mas eu segui em frente, acreditando que tudo ia se normalizar em algum momento (Murilo, Matemática).

Lembro que no início só tivemos uma semana de aula e na 6a feira conversei com meus amigos: “caramba, acho que vamos ter mais um pouquinho de férias” porque a gente não tinha a dimensão do que seria e do que se transformaria e de como as coisas iriam prosseguir; era tudo muito incerto. E aí acabou que foram passando os meses e foi tudo sendo adiado (Aline, Enfermagem).

Muitos estudantes declararam que, de início, supunham que a pandemia não ia se estender por muito tempo. Conversavam com familiares e amigos sobre as notícias em torno

de uma doença nova que estava atingindo vários países e se perguntavam: como vai ser quando essa doença chegar aqui?

Mesmo assim, isso não impediu que todos fossem tomados por certa perplexidade diante da ruptura que a interrupção das atividades produziu na sua vida. Posteriormente, com o prolongamento da suspensão das aulas e o noticiário sombrio, a grande maioria foi atingida por sentimentos de irritação, desalento, incerteza e perda de referências.

Este aluno do Instituto de Matemática expressa o impacto que essas interrupções causaram: *“Tava começando meu 3º. Período e eu só tive uma semana de aula. Eu tinha uma festa para ir no domingo. Aí cancelaram a festa e a UFRJ suspendeu as aulas. Foi um choque”* (Isaac, Mat.)

O mesmo sentimento encontramos nesta aluna do serviço social:

*“Eu estava participando de uma atividade como voluntária na semana pedagógica aí a UFRJ lançou uma nota suspendendo as atividades. Estávamos lá reunidos aí eu fui pra casa meio transtornada. Eu ia trabalhar no dia seguinte e me mandaram uma mensagem dizendo que tinham suspendido as atividades. Aí eu comecei a me desesperar (Mariana, Serviço Social)”*

De uma hora para a outra todos tivemos que refazer nossas rotinas. A quarentena virou a vida de todo mundo de cabeça para baixo. Nós, professores, tivemos que aprender, às pressas, a utilizar plataformas de videoconferência para fazer reuniões *on-line*, orientações, atividades de pesquisa, entre outras coisas. No entanto, as aulas continuaram suspensas. E o prolongamento das restrições de mobilidade foram gerando reações de irritabilidade, incerteza e medo.

Aliás, o significante “suspensão” condensa um aspecto importante da nossa experiência diante da pandemia. Tudo ficou em suspenso. Numa espécie de *stand-by*, ou seja, em modo de espera.

Havia um enorme estranhamento diante da obrigatoriedade de ficar em casa. A grande maioria dos estudantes relatou o quanto era estranho ficar restrito ao espaço da casa em função das medidas de distanciamento social. Muitos diziam que o problema não era tanto ficar em casa, mas *“não poder sair”*. Não encontrar mais as pessoas, familiares, amigos, colegas da faculdade. Como dizia esta aluna do serviço social: *“Ficar em casa não é o problema. O problema é o fator obrigatório: ter que ficar em casa é estressante”* (Maria, Serviço Social).

A rotina mudou e teve que ser restabelecida em outras bases. Os estudantes estavam habituados a ir para a faculdade durante a semana e descansar no final de semana. Esta alternância se desfez.

*“Então parecia que todo dia era final de semana, que eu não tinha o que fazer. Aí eu dormia bastante, procurava não ficar parada sem fazer nada, estava sempre ou assistindo a alguma coisa ou dando atenção pro cachorro, ou ouvindo música, fazendo algo. Tinha dia que eu ficava caçando o que fazer dentro de casa, aí arrumei meu guarda-roupa, gavetas, tudo procurando o que fazer pra não ficar parada (Isadora, Enfermagem)”*

A maioria relatou o sofrimento decorrente da perda de renda dos pais e da necessidade de eles próprios encontrarem um emprego para ajudar nas despesas da casa. Quase metade

dos entrevistados relatava possuir algum auxílio financeiro (auxílio emergencial do governo federal ou auxílio/bolsa da UFRJ). Conforme testemunha Bernardo:

*“Mudou a questão de renda, a renda diminuiu durante esse período. E isso acarretou mais estresse, ter que me privar mais de certas coisas, tipo comprar alguma coisa na rua, sabe? Foi muito ruim ter que me privar mais ainda do que já era o habitual (Bernardo, Serviço Social)*

## **Incidências Psíquicas**

Os estudantes falaram bastante, tanto de forma espontânea, quanto provocados por alguma pergunta, sobre o impacto da pandemia na sua saúde mental. A grande maioria relatou ter sido afetada por diferentes expressões de sofrimento psíquico. É importante enfatizar que cada sujeito respondeu ao trauma da pandemia de acordo com a sua singularidade e de acordo com suas condições sociais. Por conseguinte, é preciso considerar o que há de recorrente nos diversos relatos, mas também dar lugar à experiência singular de cada um. Mais do que identificar a ocorrência de transtornos mentais específicos, aqui o objetivo é mostrar os termos através dos quais os estudantes descreviam a sua vivência subjetiva.

Havia um sentimento generalizado de perda, o que pode ser observado nas mudanças relatadas anteriormente. Várias coisas foram sendo perdidas quando irrompeu a pandemia. E isso foi vivido com muito sofrimento. No caso dos estudantes de graduação, uma série de perdas estavam associadas à interrupção do ano letivo, como atesta Luiza:

*“Foi sentimento de ano perdido, sabe? Depois mais pra junho/julho que foi caindo a ficha que não ia acabar tão cedo isso, que ia continuar até a vacina chegar. Aí já dá um desânimo generalizado, porque ainda tem o risco de se contaminar e ainda assim um sentimento de... não chega a ser tristeza, mas é um desânimo mesmo de qualquer coisa, entendeu? Aí começou o negócio de ensino remoto, mesmo assim não dava vontade de fazer as coisas, porque já tinha perdido praticamente o ano inteiro. Aí, vontade de fazer nada e ficar só esperando mesmo” (Luiza, Enfermagem).*

Os estudantes relataram sentir medo. Sentiam medo de transmitir a doença, sobretudo para familiares mais velhos (pais, tios e avós). Medo de ficar doente, sentir dor e medo da morte iminente. E esses medos os deixavam num estado de vigilância constante.

Muitos relataram, também, ter desenvolvido um quadro de ansiedade a partir da pandemia, observando que nunca tinham sentido isso antes. É interessante observar que os relatos trazem situações em que as manifestações de ansiedade acabam sendo confundidas com sintomas da COVID-19. As ocorrências de dor de cabeça, dispnéia (sensação de desconforto respiratório), secura na boca e outras manifestações faziam as pessoas suspeitarem de terem contraído a doença, levando-as a procurar os serviços de saúde, o que contribuía para sobrecarregar o sistema, além de expor a pessoa ao contágio pela proximidade com outros pacientes. É o que relatam Luiz e Isadora.

*“Há uns dois, três meses eu tive uma crise de ansiedade na qual eu achei que eu estava com COVID. Eu estava na rua e acredito ter sido uma crise. De repente, eu senti uma*

*falta de ar, comecei a salivar muito sabe e falei 'caraca, eu tô com coronavírus'. De repente, eu senti uma falta de ar e comecei a salivar muito sabe? Aí eu vim embora. Cheguei em casa falando: 'eu tô com coronavírus, eu tô com coronavírus'. Eu nunca tinha tido uma crise de ansiedade na vida. Minha família me acalmou, aí foi passando aos poucos. Depois não tive mais nada". (Luiz, Matemática)*

*"Todo dia senti ansiedade.... mão suando muito, às vezes meu coração fica batendo quando paro pra ver jornal, perna balançando, já acordo, no primeiro momento que eu abro o olho e lembro que to vivendo isso, parece um pesadelo" (Isadora, Enfermagem).*

A ansiedade se desdobrava no aumento do consumo de comida e de bebida levando as pessoas a engordarem. *"Nessa quarentena me afundei no doce, acho que tô descontando né, porque engordei também"* (Isadora, Enfermagem)

A fala de uma das participantes do grupo focal foi importante pois condensa vários aspectos do impacto da pandemia na vida dos estudantes. A ruptura causada pela pandemia, o sofrimento psíquico decorrente desse corte e as estratégias acionadas para lidar com a situação:

*"Então, a faculdade, quando era modalidade presencial, ela meio que funcionava como uma distração pra mim, por mais que tivessem as tarefas da faculdade, porque era um momento que eu saía, que eu via as pessoas, conversava com outras pessoas, que eu via outros ambientes, e aí, com a pandemia, isso foi cortado, inclusive os encontros que eu tinha com os meus amigos, que já eram raros e passaram a ser nenhum, né... Então, isso me deixou bastante deprimida"* (Joana, Enfermagem).

Mesmo quando são percebidos aspectos positivos nota-se o quanto é estressante as mudanças que sobrevieram com a pandemia.

*"Ta sendo muito gratificante o maior contato com a família, maior convívio. Acho que há um fortalecimento desses vínculos. Eu acho que tá sendo um lado positivo da pandemia. Por outro lado, estressante, porque parece que é.. 24 horas do seu dia você tá naquela tensão, sabe? Porque tá mesclado agora com as atividades remotas [de trabalho e de ensino]"* (Amanda, Serviço Social).

A fala de Joana, acima, coincide com os relatos de vários estudantes que referiram alterações no humor, em sua vertente depressiva, com tristeza e desânimo. Outros relataram ter experimentado alterações no seu ritmo de sono, seja demorando a pegar no sono à noite, seja dormindo de madrugada desenvolvendo atividades e acordando mais tarde.

A negação da pandemia provocava raiva em muitos estudantes. Queixavam-se de que parecia que as pessoas estavam indiferentes diante da morte, o que era reforçado pelo discurso negacionista do governo federal, conforme as falas de Amanda e Isadora.

*"Bom, tem me incomodado muito as pessoas que acham que não tem que ser feita, porque aqui no meu bairro tá uma loucura.. é.. tá acontecendo pagode, baile, festas, campeonatos de futebol. aglomerações gigantes, então isso me incomoda bastante. (...) Então, acho que fica um pouco enraizado uma sensação de que a gente é diferente, é isolado do restante da cidade. Então, isso deve dar uma sensação de proteção, não é*

*possível! Junto com o fato de que aqui tem uma grande aprovação também do capeta [o presidente Jair Bolsonaro] e eu acho que isso se reflete bastante no comportamento das pessoas. Tem uma falta de crença à gravidade real da situação” (Amanda, Serviço Social).*

Alguns estudantes expressavam o seu incômodo diante do que identificavam como ignorância das pessoas que negavam que os hospitais estavam lotados e que as pessoas estavam sendo entubadas em massa e morrendo. Isadora, estudante de um curso da área da saúde afirmava indignada:

*“Eu faria um estudo mesmo do que passa na cabeça das pessoas ver um monte de pessoas com autoridade nacional falando besteira, induzindo né, todo mundo ao erro. Isso me deixa muito triste. desesperança mesmo, porque enquanto as pessoas continuarem desrespeitando as orientações e tomando remédios que não têm comprovação, negando a vacina, inventando as coisas, isso não vai acabar” (Isadora, Enfermagem).*

Ela afirmava que o seu desânimo era intensificado pela negação da pandemia promovida pelo governo federal e por uma parte expressiva da população.

*“Gente que fala que isso aí é mentira, é fakenews, tem que estar num estado mental de muita negação pra poder não se cuidar ou então... ah, negócio de máscara, querer falar que é uma conspiração da China. O desânimo só vai aumentando cada dia que passa porque a gente vive num país que tem muita produção científica, a gente já podia estar com a vacina, tudo certinho, só que né tudo dificulta, o governo, as pessoas ao meu redor negando a ciência, isso me dá desânimo, a faculdade também me dá. Se eu pudesse me mudar daqui do Brasil, eu me mudaria, acho que o país que tá me deixando triste, no geral. Aí eu fico só me sentindo impotente. (Isadora, Enfermagem)*

Mas algumas pessoas destacaram alguns momentos positivos durante a pandemia. Uma delas, por exemplo, mencionou a convivência familiar que a quarentena propiciou. Uma outra aluna relatava uma rotina desgastante, com muitos deslocamentos pela cidade e com a quarentena isso se interrompeu temporariamente, reduzindo assim seu cansaço físico e mental.

## **Estratégias de Enfrentamento**

Todos fomos afetados pela pandemia, mas não da mesma maneira. É importante observar que cada um enfrentou a situação de acordo com os seus recursos materiais, simbólicos e subjetivos. E esses recursos são distribuídos de forma desigual. A maioria dos estudantes entrevistados possuía renda média entre R\$ 3.000,00 e R\$ 5.000,00 e residiam na periferia da cidade. Muitos sofreram com a perda de renda vivida por seus pais.

A maioria dos estudantes relatou ter passado por dificuldades financeiras nas suas famílias. Diante disso, os auxílios financeiros tiveram um papel fundamental para viabilizar a permanência em casa, garantindo condições mínimas para os membros da família. Embora insuficientes, os auxílios foram fundamentais. Dentre os auxílios financeiros mencionados

estão: o auxílio emergencial do governo federal, bolsa-auxílio da assistência estudantil da UFRJ, bolsas de pesquisa e bolsas de extensão.

Era quase uma unanimidade a referência ao uso do computador e da internet como meio de realizar atividades e ter acesso a atividades que permitiam as pessoas manterem algum bem-estar neste contexto de crise sanitária. Um desses recursos foram as *lives*, como relata Monique:

*“No início, eu fiquei muito elétrica, eu queria fazer tudo ao mesmo tempo, queria movimentar o corpo, fazer várias coisas dentro de casa, aí conforme o tempo foi passando, a energia foi abaixando assim, acho que a ficha foi caindo e meio que gerou uma confusão mental, assim e aí eu continuei tentando mexer o corpo, fazer algumas atividades, é..., muita coisa ‘tava acontecendo na internet ...’tava tendo aqueles lives, aquelas coisas todas... eu assistia live de exercício físico, assistia live de dança, assistia live de tudo, e aí depois a energia foi baixando um pouco, eu fui ficando meio de saco cheio de tudo.” (Monique, Enfermagem)*

Um relato interessante foi de Joana, outra aluna da enfermagem, sobre o recurso que ela encontrou para lidar com a suspensão das atividades e a sensação de incerteza que a pandemia impôs:

*“Eu passei por um leque de estratégias, porque, de início, eu tentava me inscrever em tudo quanto é tipo de seminário, congresso, tudo on-line que eu encontrasse, porque eu via toda hora o pessoal mandando mensagens sobre isso no grupo da turma, então eu ficava pensando: ‘Nossa, tá todo mundo fazendo um monte de coisa, e eu aqui parada, então eu tenho que fazer também’. E, acabou que eu quase me afoguei em atividade extra por conta disso, então logo depois eu comecei a acessar mais as redes sociais, principalmente Facebook e Youtube né? tô assistindo muitos vídeos no Youtube pra me distrair e gosto muito de cantar também, então de vez em quando pego uma canção nova pra treinar.” (Joana, Enfermagem).*

E como forma de lidar com a ansiedade e o sentimento de incerteza ela relata a seguinte experiência:

*“E, admito que também durante esse primeiro período de pandemia eu meio que fiquei viciada em compra on-line, isso funcionou também como uma distração pra mim porque é um sentimento de ter o que esperar, então eu compro e fico esperando o produto chegar, e.. enfim, isso me ajuda de alguma forma com a ansiedade”.* (Joana, Enfermagem)

Muitos relataram ter retomado ou iniciado tratamento psicoterápico e/ou psiquiátrico durante a pandemia: *“Em dezembro, eu comecei um acompanhamento psicológico por teleatendimento. Eu agradeço muito a uma professora que me ajudou a conseguir esse acompanhamento porque eu tive muitas crises de depressão, ansiedade e muitos pensamentos deprimentes.”* (Joana, enfermagem).

Outros estudantes disseram ter encontrado suporte na religião:

*“Agora que eu vim pra casa do meu sogro tenho acompanhado o espiritismo. Tenho rezado muito. A gente reza por todo mundo, para que as coisas melhorem. Muita coisa a gente tem equilibrado por isso. É um momento muito único da semana. Duas horas*

*na semana a gente restringe só pra fazer a leitura do evangelho. É uma reunião de fato muito interessante. Tem ajudado muito” (Luiz, Matemática).*

Por fim, cabe destacar que a possibilidade de manter atividades remotas ligadas à universidade foi fundamental para que muitos alunos não ficassem tão perdidos e sem perspectiva. Atividades de extensão e de pesquisa, o Festival do Conhecimento e as orientações de TCC foram apontadas pelos alunos como importantes para ocupar o tempo, aprender coisas novas e até mesmo se preparar para o ensino remoto. Ao ser perguntada se manteve algum vínculo de estudos com a faculdade antes do PLE (Período Letivo Excepcional) Maria, do Serviço Social declarou:

“Tinha somente com meu orientador do TCC. E aí teve o Festival do Conhecimento da UFRJ e aí eu me engajei nessa causa, porque comecei a assistir o festival e achei maravilhoso o que estavam fazendo: trazer a universidade pra dentro de casa. E aí depois me inscrevi pra ser monitora, e isso me deu gás novo pra entrar no PLE, porque eu acho que se eu não tivesse feito parte do Festival, eu nem ia aderir ao PLE” (Maria, Serviço Social)

## **A experiência do ensino remoto**

Em 17 de junho de 2020, o CEG (Conselho de Ensino de Graduação) publicou a resolução n. 03 que autorizava e regulamentava a adoção de atividades pedagógicas não-presenciais, em particular o ensino remoto e instituiu o PLE (Período Letivo Excepcional). Desde então, as unidades acadêmicas passaram a implantar o ensino remoto emergencial. No final do mês de agosto de 2020, teve início o PLE.

O roteiro de entrevistas incluiu algumas perguntas sobre como foi a experiência de participar do PLE e sobre o ensino remoto. As respostas mostraram os prós e os contras desta modalidade de ensino. Por um lado, indicam que este recurso teve vários efeitos positivos no sentido de ajudá-los a reorganizar a rotina, manter contato com os professores e colegas da faculdade, permitir o prosseguimento dos estudos para não adiar a formatura. Por outro lado, a maioria dos estudantes falava das dificuldades de realização das atividades propostas. Os estudantes relataram muitas dificuldades no acesso às plataformas devido à falta de equipamento ou dificuldades com o sinal de internet. E concluíam que o ensino remoto não substitui o ensino presencial. No entanto, o que prevaleceu foi a afirmação de que o ensino remoto é importante e é melhor do que não ter atividade alguma vinculada à universidade.

Ter aula em casa implica uma facilidade para os estudantes no sentido de estarem desobrigados de se deslocarem para a faculdade, ainda mais para os que moram longe. No entanto, participar de aulas em casa é difícil, considerando as necessidades de realizar atividades domésticas, a presença de familiares no mesmo ambiente, o cuidado dispensado a crianças pequenas.

Os estudantes se queixavam, também, do intenso ritmo de trabalho imposto pelos professores que parecem ter desconsiderado que os alunos precisam se dedicar a outras disciplinas.

## Vantagens do ensino remoto

Muitos estudantes ressaltaram a importância do PLE como uma forma de não atrasar a integralização do curso, mas também para manter um contato com a universidade, já que muitas pessoas não tinham nenhuma atividade na universidade.

*“Eu fiquei meio tensa pra sair de casa aí, quando o PLE começou, eu fiz questão de participar porque eu queria ocupar a cabeça, sabe? com alguma coisa relacionada à faculdade, porque já tinha muito tempo que eu não ‘tava fazendo nada da faculdade; aí voltou, eu consegui algumas disciplinas e voltou a Extensão também junto” (Monique, Enfermagem).*

A organização do ensino remoto pela universidade foi considerada uma oportunidade para se manter um vínculo com a universidade. Alguns só tinham contato com seu orientador/orientadora de TCC, conforme relata Amanda do Serviço Social:

*“Eu estava escrevendo meu TCC. Eu o apresentei no início de agosto, aí antes do PLE eu tava escrevendo ele, então meu vínculo era com a minha orientadora. Meu contato com a universidade era através dela e da coordenadora da secretaria. Estas eram as pessoas com quem eu me comunicava anterior ao PLE. Se eu tivesse interrompido esse contato eu ficaria completamente perdida” (Amanda, Serviço Social).*

Para todos os alunos entrevistados, o deslocamento para a faculdade é custoso e desgastante. O ensino remoto traz essa facilidade de evitar o deslocamento e para algumas pessoas isso se traduz em bem-estar:

*“A correria do transporte, perder 6 horas do meu dia dentro de transporte público e tal, tirava muito da minha saúde mental, me fazia muito mal esse deslocamento, sabe? Era um cansaço absurdo, então, assim, eu tendo um tempo mais em casa eu fiquei um pouco mais tranquila, mesmo com todas as outras preocupações (Janaína, Serviço Social)”.*

## Desvantagens do ensino remoto

O ensino remoto não foi uma experiência simples para Amanda. Ao mesmo tempo em que abria possibilidades de aprendizado, gerava uma sobrecarga de trabalho para os alunos. Ao ser perguntada sobre como estava sendo para ela o ensino remoto Amanda, do Serviço Social, afirma:

*“Horrível! É a pior experiência que eu já tive na minha vida! Eu nunca estudei tanto na minha vida inteira. Eu não sei se isso é bom, se é ruim, mas acho que como eu tô estressada deve ser ruim; mas como eu tô aprendendo tudo também deve estar sendo bom, porque agora eu tô tendo umas matérias que são do início da faculdade que te ajudam a entender todas as outras que se desdobram. Eu vejo que eu podia ter entendido muito mais fácil todas as outras se eu tivesse feito essas aulas na qualidade que eu tô fazendo agora. Só que como o PLE rouba 24 horas do meu tempo, onde eu tô dando peito pra minha filha lendo texto, sempre, coisa que eu não fazia, então, tem essa coisa de assustador (Amanda, Serviço Social).*

Os alunos muitas vezes relatam um sentimento de inadequação por não dispor de um ambiente de estudos adequado para acompanhar as aulas remotamente. Na verdade, o ensino remoto invade a casa dos alunos.

*“O ensino remoto está sendo meio complicado assim tipo criar uma rotina pro EAD é um pouco difícil. Acordar cedo, mas ainda assim ter aula no meu quarto, tipo quando tô na minha casa eu não tenho uma estrutura... tipo de ter uma mesinha de estudos e eu sento naquela mesinha e fico lá e tal. Não tenho essa estrutura, então eu fico sentada na minha cama e aí boto um banquinho e fico com o notebook lá na frente”.* (Janaína, Serviço Social)

Mariana também relata muitas dificuldades para acompanhar as aulas:

*“Eu fico numa cadeira que é péssimo pra mim me mexo muito nas aulas, porque eu fico tentando arrumar uma posição melhor pra, sabe? E toda hora passa gente atrás e toda hora é uma gritaria porque a minha mãe grita o tempo todo, meu irmão pequeno também grita o tempo todo, é bem difícil.* (Mariana, Enfermagem)

Outro problema apontado pelos estudantes era a dificuldade de concentração.

*“Ao mesmo tempo que eu queria participar, eu percebi que eu não ‘tava tendo foco, não ‘tava conseguindo me dedicar, fui ficando muito dispersa é... nas aulas, nas coisas, ‘tava muito difícil me concentrar pra ler e também pra escrever, eu ‘tava tendo uma dificuldade muito grande e ainda tô. Tô também no período agora, mas tô percebendo essa dificuldade assim de me concentrar, de prestar atenção, de ler, de escrever, tudo isso tá sendo muito complicado”.* (Monique, Enfermagem)

*“Quando você tá na cama, você sente aquela vontade de se deitar, você sente aquela vontade de dormir. Acordar cedo é complicado, mas eu tenho tentado estar presente nas minhas aulas e tentado acompanhar ao máximo como eu fazia na época que era presencial”* (Janaína, Serviço social).

*“Dentro de casa você tem várias coisas que te distraem, coisas que você considera mais prazeroso fazer, e isso tira o seu foco no estudo, faz com que você perca a vontade de pegar pesado naquilo e tudo o mais”* (Murilo, Matemática)

A dificuldade de concentração se somava ao grande volume de atividades proposta por alguns professores que consideravam que os alunos dispunham de mais tempo por estarem em casa:

*“Então, eu acho que a dinâmica pro PLE funcionar exige um gasto de energia individual muito grande, que é anterior ao momento ao vivo das aulas. Então, é o que compromete 24 horas, porque você tem as suas atividades de trabalho, as suas atividades domésticas, as suas atividades individuais (comer, dormir, tomar banho) e você ainda tem que fazer as suas aulas. Só que pra você fazer as suas aulas, você tem que se preparar para as suas aulas, então onde que você vai encaixar na sua dinâmica tempo pra poder assistir videoaulas de por exemplo, 3 horas, 4 horas de duração? Eu tenho uma matéria, que teve um compilado de videoaulas pra ver pra semana seguinte que*

*somavam 12 horas. Como é que eu vou encaixar 12 horas num dia que tem 24? Como é que eu faço o resto? É complicado. Como eu tenho outras matérias, acaba que eu vou ter um, dois dias pra poder encaixar essas 12 hrs, aí acordo antes da minha filha, vejo uma horinha aqui, fazendo comida vejo outra horinha aqui, tomando banho vejo mais um pouquinho; você acaba sobrepondo as atividades, então enquanto você toma banho você estuda, enquanto você amamenta você lê, enquanto você anda de carro você tá ao vivo na videoaula. Então, acho que o PLE tá incorporando 24 horas da vida de todo mundo (Amanda, Serviço Social).*

A experiência do PLE também foi marcada por dificuldades de muitos alunos conseguirem vagas nas disciplinas, já que muitas unidades decidiram priorizar a oferta de disciplinas para os alunos concluintes.

*“Mas, em relação ao ensino remoto, foi um pequeno baque, porque a maioria delas eram gravadas, aí eu perdi um pouco meu espaço de tirar dúvida, depois da aula presencial, eu, geralmente, na UFRJ, eu me reunia com os amigos na sala do departamento pra ficar estudando alguma coisa ou conversando sobre um assunto. A gente não tinha mais esse espaço”. (Murilo, Matemática)*

## Discussão

A escuta dos estudantes de graduação da UFRJ nos permitiu verificar como a pandemia é um fenômeno complexo que comporta implicações sanitárias, sociais, econômicas e psíquicas. Além disso, foi possível verificar que os efeitos da pandemia na vida das pessoas não são homogêneos. Variam de acordo com a classe social e os recursos de que cada um dispõe, que incluem os diferentes ativos que cada família possui e, também, o acesso a direitos básicos de cidadania.

É claro que a pandemia produziu os seus efeitos dentro de uma dinâmica social estabelecida. Isso não nos autoriza a minimizar o caráter de ruptura e de novidade que ela trouxe. Ao mesmo tempo, não deixa de ser verdade, como afirmou Santos (2020) que o mundo tem vivido um paradoxal estado de “crise permanente” desde a década de 80 com a hegemonia do neoliberalismo. É a normalidade da exceção. Uma crise sempre é excepcional. É um momento, um evento. Mas ao falar de crise permanente, Santos nos indica como o neoliberalismo produz crises para não serem resolvidas, pois elas se tornam a justificativa para os cortes nas políticas sociais e para a redução dos salários. Neste sentido, a precarização das relações de trabalho e a desproteção social colocam amplos setores da população numa situação de incerteza.

Palludeto et al (2020) mostraram que a ação dos Estados Nacionais frente ao impacto sanitário e econômico da pandemia foi fundamental para seu devido enfrentamento. No entanto, o Brasil apresentou medidas controversas no controle da pandemia:

*“Enquanto parcela relevante de governadores e prefeitos, prezam pelas medidas de isolamento social – alguns estados, inclusive, decretando mais recentemente lockdown – , no âmbito da presidência da República permanece o discurso em favor do rápido retorno das atividades econômicas, como a reabertura do comércio de setores considerados não essenciais, bem como a ampliação dos setores considerados essenciais”. (Palludeto et al, 2020, p. 28)*

A pandemia de COVID-19 trouxe novos elementos que produziram um quadro de incerteza generalizado. No contexto brasileiro, ela foi intensificada não apenas pelo fato de que o governo federal decidiu abrir mão do seu papel articulador de ações de enfrentamento da pandemia, coordenando os entes federados, mas por deliberadamente sabotar as medidas que estados e municípios e congresso nacional vinham procurando implementar. Na verdade, como o estudo de Ventura e Reis (2021) comprovou, o governo federal na época se empenhou de forma bastante eficiente na promoção da disseminação do vírus no território nacional, o objetivo de retomar a atividade econômica o mais rápido possível. O próprio presidente da república minimizou a gravidade da pandemia, disseminando um discurso negacionista ou promovendo medicamentos sem eficácia comprovada. Os testemunhos dos alunos mostram o quanto a promoção do negacionismo pelo governo federal intensificou o quadro de incerteza e medo vivido por eles.

Os autores do estudo também discutiram a polêmica sobre a definição do que seriam as atividades essenciais que deveriam ser mantidas em funcionamento durante a pandemia. Concluíram que o caráter essencial de uma atividade durante a pandemia não estava vinculado a uma avaliação técnica rigorosa, mas dependia do resultado da correlação de forças políticas prevalente em cada região do país.

Outro aspecto a ser analisado é como a pandemia afetou nossa relação com o tempo. Norbert Elias (1998) nos fala da dimensão simbólica do tempo, que mais do que um instrumento de orientação ele é instrumento de regulação da conduta e da sensibilidade humana. Ele mostra como nossa experiência do tempo é social e simbólica. As coerções externas das relações sociais modelam nossa rotina e nossa experiência cotidiana. No caso da pandemia, o impacto da pandemia nas nossas relações afetou também nossa sensibilidade, incluindo aí nossa experiência do tempo. A quarentena é angustiante pois ela subverte nossas referências de tempo. O tempo para nós só aparentemente é algo natural e objetivo. Mas na verdade ele é efeito do nosso engajamento no laço social, ou nos termos de Norbert Elias, (1998) ele depende das cadeias de interdependência que unem o sujeito ao outro. O tempo tem um caráter simbólico (Elias, 1998), pois são símbolos que marcam a sucessão dos acontecimentos. A fala de Joana mais acima, evidencia como o isolamento social, ou seja, o impedimento dos encontros cotidianos que materializam nossos laços sociais impacta na nossa percepção do tempo e nossa relação com o futuro.

## **Considerações Finais**

Ao documentar as falas de estudantes da UFRJ em torno de suas vivências no período da pandemia de COVID-19, esta pesquisa procurou contribuir para o registro de uma experiência crítica vivida num período da história recente que afetou a vida de todos. Elaborar a memória a respeito do modo como os acontecimentos da pandemia afetou a vida dos estudantes da UFRJ pode nos fornecer subsídios para pensar políticas e ações de assistência estudantil tanto em períodos de normalidade quanto em períodos semelhantes. Fica evidente que o enfrentamento de uma pandemia não depende apenas dos profissionais de saúde, mas de uma ação coordenada do estado na proposição de ações no plano econômico e assistencial, pois não podemos fechar os olhos para a possibilidade de ocorrência de novas pandemias.

## Referências

- BROOKS, Samantha K. et al. The psychological impact of quarantine and how to reduce it: rapid review of the evidence. *The Lancet*, Volume 395, Issue 10227, 912 – 920. 2020.  
Disponível em:  
[https://oem.bmj.com/content/77/10/666?gclid=Cj0KCQjwrMKmBhCJARIsAHuEAPT a2vIVn-vRGlKprjsXGIq2rbCT1xHXA1JZ1RcpQpQ8Sns3hzxvJ3AaAiwxEALw\\_wcB](https://oem.bmj.com/content/77/10/666?gclid=Cj0KCQjwrMKmBhCJARIsAHuEAPT a2vIVn-vRGlKprjsXGIq2rbCT1xHXA1JZ1RcpQpQ8Sns3hzxvJ3AaAiwxEALw_wcB).  
Acesso em: 10 jul. 2022.
- CHIRIKOV, I., SORIA, K. M., HORGOS, B., & JONES-WHITE, D. (2020). *Undergraduate and graduate students' mental health during the COVID-19 pandemic*. SERU Consortium, University of California - Berkeley and University of Minnesota. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/80k5d5hw>. Acesso em: 05 ago. 2022.
- ELIAS, N. (1998) *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Zahar.
- HUREMOVIC D, editor. *Psychiatry of Pandemics: A Mental Health Response to Infection Outbreak*. Gewerbestrasse: Springer Nature. 2019
- IMF (2020) *Policy Steps to Address the Corona Crisis*. Disponível em:  
<https://www.imf.org/en/Publications/Policy-Papers/Issues/2020/03/16/Policy-Steps-to-Address-the-Corona-Crisis-49262>. Acesso em 11 mar. 2022.
- MATTA, G.C., REGO, S., SOUTO, E.P., and SEGATA, J., eds. *Os impactos sociais da Covid-19 no Brasil: populações vulnerabilizadas e respostas à pandemia* [online]. Rio de Janeiro: Observatório Covid 19; Editora FIOCRUZ, 2021, 221 p.
- METRI, Maurício e CRESPO, Eduardo. *Economia em tempos de COVID-19: reflexões para enfrentamento*. 2020. Disponível em: [https://jornalggn.com.br/a-grande-crise/economia-em-tempos-de-covid-19-reflexoes-para-enfrentamento-por-mauricio-metri-e-eduardo-crespo/#\\_ftnref2](https://jornalggn.com.br/a-grande-crise/economia-em-tempos-de-covid-19-reflexoes-para-enfrentamento-por-mauricio-metri-e-eduardo-crespo/#_ftnref2). . Acesso em: 5 ago. 2022.
- PALLUDETO, A. W. A et al (*Política econômica em tempos de pandemia: experiências internacionais selecionadas*. Série “Laboratório de Economia Internacional” – Centro de Estudos de Relações Econômicas Internacionais (CERI). 2020.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Cruel Pedagogia do Vírus*. Coimbra: Edições Almedina. 2020.
- SUN, S., GOLDBERG, S.B., LIN, D. et al. Psychiatric symptoms, risk, and protective factors among university students in quarantine during the COVID-19 pandemic in China. *Global Health* 17, 15 (2021).  
Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7829620/> . Acesso em: 12 set. 2022.
- VENTURA, Deisy de Freitas Lima e REIS, Rosana. *A linha do tempo da estratégia federal de disseminação da covid-19. Direitos na pandemia: mapeamento e análise das normas jurídicas de resposta à Covid-19 no Brasil*, n. 10, p. 6-31, 2021. Disponível em:  
<https://static.poder360.com.br/2021/01/boletim-direitos-na-pandemia.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2023.